

1 2. *Crônica, uma maneira de contar a escola*

2 Gabriel Perissé tem uma maneira bem criativa de contar a história,
3 como fez nessa crônica, que faz parte de seu livro *A Escola Puxada*, com
4 o título de "Escola, hora da escolha".

5 – Nossa escola é puxada, viu? – afirmou aos pais que vieram matricular a
6 menina.

7 – Puxa! Escola puxada é tudo o que desejamos para nossa filha!

8 A menina olhou para a diretora, que lhe sorria com todos os dentes no
9 fundo. Olhou para os pais, e sentiu um aperto no coração. Escola puxada? Mas
10 o que é que vão puxar aqui? Puxar as minhas orelhas?

11 À noite, a menina puxou o lençol até os olhos. No dia seguinte, seria
12 puxada por professores, sabe Deus para onde. Sonhou que estava amarrada
13 por mil cordas e um gigante a puxava para cima e para baixo, como ioiô.
14 Sonho puxa sonho: outras cenas teríveis povoaram sua última noite antes de
15 estrear na nova escola, uma escola puxada, e não mais aquela escolinha frouxa
16 em que estivera antes de completar 5 anos de idade.

17 – Acreditamos em você.

18 De manhã, quase que puxada pelo pai, foi deixada na escola. E ao longo
19 de um ano, ao contrário de suas previsões, ninguém lhe puxou nada. vez por
20 outra a diretora puxava o hino nacional, mas quem tinha que cantar mesmo
21 eram os alunos. Ela só murmurava, com rosto de devoção à pátria...

22 A biblioteca vivia fechada. Vazamento.

23 Aula de balé, música da Xuxa.

24 Aulas insossas com professoras cheias de boa vontade mas apenas uma ou
25 duas pinceladas de Paulo Freire e Piaget.

26 No livro didático, meio ultrapassado, a imagem do antigo telefone de
27 disco.

28 Certo dia, certa empresa visitou a escola trazendo um iogurte novo para as
29 crianças degustarem. Um pequeno teste: – “Você gostou?” – “Deveria ser
30 mais doce?”

31 Não houve, ao longo do ano, nenhuma reunião de pais. A escola enviava
32 bilhetes dentro da agenda da menina, avisando de um passeio à fascinante e
33 “engordadora” fábrica de refrigerantes ou sobre a necessidade de enviar
34 dinheiro para alguma atividade que projeto pedagógico algum tinha previsto.

35 Em novembro, a menina pediu para sair da escola. Cansara-se de ouvir os
36 gritos da professora da sala ao lado, que seria sua no ano seguinte.

37 – Gritos?! Nossas professoras jamais gritam!!

38 A menina olhou apreensiva para os pais. Mas eles responderam à diretora:

1 – Se nossa filha disse que há gritos, é porque é verdade. Acreditamos em
2 você, filha.

3 Vamos procurar outra escola. E se alguém nos disser que a escola é
4 puxada, vamos verificar primeiro quem está puxando a carroça! (PERISSÉ,
5 2011)

6 Esta crônica fala sobre a realidade de uma escola. Para os pais a
7 diretora da escola mostra uma cena não real e os pais com seus desejos
8 de proporcionar uma melhor educação, querem que sua filha estude em
9 uma escola “puxada”, uma escola que poderá oferecer “conteúdos”. A
10 criança, que com sua sabedoria infantil, com sonhos, imaginações, passa
11 a elaborar em sua mente como seria esta escola. Fica em sua mente as
12 palavras ditas “Escola Puxada” e Philippe Breton (1999, p. 45), fala
13 sobre a construção da imagem, que é usada como recurso de convenci-
14 mento, manipulando portanto a realidade:

15 A construção da imagem, que requer forçosamente especialistas, se fará
16 seguindo regras, amplamente aperfeiçoadas, da demagogia clássica: adaptar-se
17 ao que o outro espera mais do que assumir sua própria realidade. As vias para
18 a tecnicização da palavra estão assim abertas em larga escala.

19 Em literatura a crônica é confundida com conto, pois nas duas há
20 participação de personagens, enredo, tempo e espaço quando há
21 acontecimentos da sociedade.

22 Célia Aparecida Nasrala Passoni escreve a respeito da crônica:

23 Costuma-se definir a crônica como um conto sem enredo. Nascida no sé-
24 culo XVIII é um gênero literário de assunto aberto e livre, geralmente apoiado
25 em pequenos fatos do cotidiano e prestando-se a reflexões sobre arte, política,
26 crimes, processos, divagações acerca de incidentes diversos, enfim, tudo o que
27 um observador atento pode extrair do dia-a-dia de pessoas comuns. O tempo
28 está preso ao presente, mas, quando solicitada, a memória socorre o narrador,
29 que busca associações com acontecimentos de diferentes épocas e, muitas ve-
30 zes, passadas e presente estão juntos para que seja feito um prognóstico do fu-
31 turo, do que se pode esperar dos homens e da vida. Há dois veios básicos para
32 que os assuntos divaguem em uma crônica: escreve-se ou em tom sentimental
33 ou em tom humorístico, ambos, porém, sem a agressividade que pode ser im-
34 portante em outros gêneros narrativos. (PASSONI, 1998, p. 147)

35 Temos então uma maneira de contar o cotidiano da escola, o que
36 Gabriel Perissé fez muito bem, com emoção e de uma forma clara para
37 que o leitor possa refletir sobre a realidade da escola e sua forma de
38 transmissão de mensagem através da palavra. Desta forma, podemos re-
39 fletir se esta palavra foi ou não manipulada. Se a construção da imagem
40 da escola é real ou não e, de que forma este tipo de texto pode nos reme-

1 ter à história da sociedade e da escola como espaço de construção de sa-
2 beres.

3 Sandra Jatahy Pesavento (2006, p. 14) afirma que

4 a literatura e a história são narrativas que têm o real como referente para con-
5 firmá-lo ou negá-lo, construindo sobre ele toda outra versão ou ainda ultrapas-
6 sá-lo. E que narrativas, são representações que se referem à vida e que a expli-
7 cam.

8 Continua dizendo que “a literatura é um discurso privilegiado de
9 acesso ao imaginário das diferentes épocas”. O historiador não cria fatos
10 e nem personagens, podendo descobri-los, diferentemente do literato. De
11 acordo com a autora, os discursos literários e históricos são formas dife-
12 rentes de dizer o real. Ambas são representações construídas sobre o
13 mundo e traduzem sentidos e significados inscritos no tempo.

14 Gabriel Perissé (2011) usa as palavras de uma forma tão mágica
15 que dão sentido à realidade por ele apresentada e o leitor se imerge na
16 história ao ponto que vive aquele momento como se lá estivesse e, como
17 se trata de literatura, aquela realidade pode ou não ter acontecido e ao
18 mesmo tempo pode estar descrevendo o real. A partir da leitura, o leitor
19 pode refletir mudar sua realidade, se as palavras escritas no texto forem
20 de encontro às suas experiências vividas, que Sandra Jatahy Pesavento
21 (2006, p. 22-23) diz que

22 o texto literário é expressão ou sintoma de formas de pensar e agir. Tais fatos
23 narrados não se apresentam como dados acontecidos, mas possibilidades, co-
24 mo posturas de comportamento e sensibilidade, dotadas de credibilidade e
25 significância.

26 Ela afirma que a literatura registra a vida e a impressão da vida.

27 Mas podemos refletir com esta crônica. O meio social influenciou
28 a obra do autor ou o contrário? Antonio Candido (2010, p. 29) aborda al-
29 guns aspectos sobre essa reflexão. “1º – estudar em que medida a arte é
30 expressão da sociedade; 2º - em que medida é social”. Afirma que a Lite-
31 ratura é um produto social e Gabriel Perissé ao apresentar a escola mostra
32 isso. O que foi relatado na crônica nada mais é do que um produto social.

33 Para o sociólogo moderno, como afirma Antonio Candido (2010,
34 p. 31) em seu texto, “a arte é um sistema simbólico de comunicação in-
35 ter-humana, e como tal interessa ao sociólogo”. O autor explica o proces-
36 so de comunicação que pressupõe: um comunicante, que no caso é o ar-
37 tista; um comunicado, que é a obra; um comunicando, que é o público a

1 que se dirige e graças a isso diz o mesmo autor, o 4º elemento é definido:
2 o seu efeito.

3 O mesmo autor define os 3 momentos na produção, que se tradu-
4 zem na comunicação do artista: o autor, a obra e o público. Na crônica, o
5 autor parece se inspirar na experiência coletiva, usou um meio de comu-
6 nicação acessível, que Antonio Candido (2010, p.31) define como a arte
7 de agregação. Com o tipo de comunicação usada por ele, o mesmo autor
8 afirma que “a atividade do artista estimula a diferenciação de grupos: a
9 criação de obras modifica os recursos de comunicação expressiva; as
10 obras delimitam e organizam o público”. Vendo os problemas sobre esta
11 dupla perspectiva, continua ele, percebe-se o movimento dialético que
12 engloba a arte e a sociedade num vasto solidário de influências recípro-
13 cas.

14

15 3. *Escola e sociedade*

16 Não há escola sem que esta esteja inserida num contexto histórico.
17 Nesta crônica podemos observar que a escola citada pelo autor, é uma
18 escola de controle, que manipula a palavra, que Philippe Breton (1999, p.
19 16) fala em seu livro sobre *A Manipulação da Palavra* que, mesmo numa
20 democracia ainda há maneiras de manipular através da palavra e que po-
21 demos pensar que neste regime não há mais manipulação, por ser o ho-
22 mem moderno livre. Interroga-nos:

23 Podem nos regimes democráticos abrigar em seu interior, eventualmente
24 em massa, métodos de argumentação, de debate, de circulação da palavra que
25 sejam manipulatórios? Ainda segundo o autor, devemos construir uma refle-
26 xão sobre as grandes categorias de manipulação, de modo a estabelecer seus
27 traços universais, que transcendem as causas assim defendidas ou nos regimes
28 políticos que as utilizam.

29 E como analisar a escola sem analisar sua transformação através
30 da história?

31 Michel Foucault, citado por Gilles Deleuze (1992, p. 01) diz que,
32 o indivíduo não cessa de passar de um espaço fechado para outro. Pri-
33 meiro cita a família e depois a escola, dentre outros espaços, mas a esco-
34 la, como as outras encontram-se em crises. Crises essas que vemos cla-
35 ramente o grito da sociedade por reformas, por atualizações, mesmo as-
36 sim, esse espaço ainda é usado como forma de controle para esta socie-
37 dade que procura disciplinar seus alunos. A disciplina é uma forma de
38 controle. As sociedades de controle, segundo o autor, operam por máqui-

1 nas de informática e computadores. As informações chegam com mais
2 facilidade e rapidez. As pessoas são motivadas a produzir e precisam de
3 formação permanente para atender a demanda desta sociedade, mas estão
4 sob um novo regime de dominação.

5 Na escola há ainda uma fragmentação do saber, e a interdiscipli-
6 naridade surge como proposta para que a escola possa organizar seu cur-
7 rículo de uma forma que os saberes sejam integrados. É claro que o ho-
8 mem precisa de tecnologia, mas não de uma tecnologia que o aprisione,
9 que o emburreça. Pierre Lévy (1993, p. 46) coloca da seguinte forma:

10 As tecnologias intelectuais desempenham um papel fundamental nos pro-
11 cessos cognitivos, mesmo nos mais cotidianos; para perceber isto, basta pen-
12 sar no lugar ocupado pela escrita nas sociedades desenvolvidas contemporâ-
13 neas. Estas tecnologias estruturam profundamente nosso uso das faculdades de
14 percepção, de manipulação e de imaginação. Por exemplo: nossa percepção da
15 cidade onde vivemos muda dependendo se costumamos ou não consultar seus
16 mapas. Muitas vezes, os métodos para resolver certos problemas são incorpo-
17 rados nos sistemas de representações que a cultura nos oferece, como é o caso,
18 por exemplo, na notação matemática e nos mapas geográficos.

19 O mesmo autor, citado por Sílvio Gallo (1996, p. 02) delimita os
20 três momentos da história do conhecimento humano marcados pelas tec-
21 nologias específicas: o polo da oralidade primária - quando o homem
22 ainda não dominava a escrita, o conhecimento era transmitido pela pala-
23 vra; o polo da escrita - com todo impacto gerado no saber humano; o po-
24 lo mediático- informático - que já podemos ver o impacto causado pela
25 velocidade das informações e dos conhecimentos gerados a partir delas.

26 Com essa tecnologia da escrita, a escola também é influenciada e
27 houve a necessidade de disciplinarização, que se deu através da especia-
28 lização. Sílvio Gallo, diz que Michel Foucault já analisou o processo de
29 disciplinarização do saber, tanto no aspecto de produção/organização,
30 quanto no aspecto de hierarquização política. Em ambos os casos, o autor
31 diz ficar claro a íntima relação do saber organizado em disciplinas.

32 A interdisciplinaridade surge numa perspectiva de integrar os sa-
33 beres e de ser capaz de vencer as barreiras da resistência que ainda en-
34 contramos. Desta forma haveria maior probabilidade de trânsito entre os
35 saberes. A compartimentalização daria lugar à integração, e a escola, se-
36 gundo Sílvio Gallo (1996, p. 11) “romperia de vez com as hierarquiza-
37 ções e disciplinarizações e possibilitaria a realização de um processo
38 educacional muito mais condizente com as exigências da contemporanei-
39 dade”.

40

1 4. *Supervisão educacional e o cotidiano escolar*

2 A supervisão é conceituada como aquele que vê de cima, mas
3 como pode este profissional estar num espaço de transformação, de oportu-
4 nidades se está olhando de cima, fora dele? A supervisão sofreu algu-
5 mas transformações. Antes chamada como Inspeção Escolar, que estaria
6 a serviço do governo para fiscalizar, para garantir que os profissionais da
7 escola produzissem. Com o passar dos anos, com a mudança do regime
8 não há mais espaço para um profissional que dite regras. Que decida so-
9 zinho. A sociedade não aceita mais este tipo de postura e na escola isso
10 não é diferente. A equipe escolar busca com seus pares um fazer pedagó-
11 gico que atenda as necessidades daquela comunidade, que é diferente de
12 outras, mesmo que estejam próximas.

13 Cada escola, bem como qualquer organização tem sua cultura e é
14 esta cultura que diferencia uma escola da outra. O papel da equipe dire-
15 tiva, assim chamada em Duque de Caxias na Rede Municipal de Ensino,
16 é preponderante visto que, deverá atuar junto com o Conselho escolar,
17 que também foi eleito pela comunidade escolar. Mesmo que o diretor se-
18 ja um profissional eleito não é ele o único responsável pelo desenvolvi-
19 mento da escola. Ele não responde sozinho pelas decisões tomadas e o
20 supervisor neste novo formato de organização, com gestão democrática,
21 tem um desafio a cumprir, ser um elemento elo entre a escola e a Secretaria
22 Municipal de Educação e fazer parte da equipe escolar onde ele faz o
23 acompanhamento.

24 Os profissionais da escola só aceitam o supervisor se este exerce o
25 papel de mediador nas questões existentes no cotidiano escolar. Este pro-
26 fissional precisa de algumas competências para exercer essa função, co-
27 mo: saber lidar com conflitos, ter um bom relacionamento com os pro-
28 fessores e equipe diretiva e saber seus limites. Saber que sozinho nenhum
29 especialista consegue vencer esses desafios encontrados. São muitos pro-
30 blemas, muitas situações a resolver e o supervisor precisa integrar os sa-
31 beres existentes na escola. Saber a linguagem usada naquela realidade.

32 O ser humano é o que a escola tem de maior valor e cada um tem
33 consigo crenças, valores, que precisam ser considerados e todos podem
34 contribuir para que o cotidiano escolar seja vivido com mais leveza, sa-
35 bendo que todos juntos podem mais.

36 Na crônica apresentada, nitidamente podemos perceber que esta
37 escola é apresentada pela diretora como um espaço democrático, perfeito,
38 mas que mesmo uma criança, na sua ingenuidade pode perceber que a

1 palavra estava sendo manipulada. A realidade não condiz com a apresen-
2 tação feita e neste momento a presença do supervisor educacional é fun-
3 damental porque ali presente ele poderia ver os problemas citados na
4 crônica, que também são problemas reais (vazamento e o balé).

5 A falta de proposta pedagógica, outro problema apresentado, e
6 que está diretamente ligado ao trabalho da supervisão educacional é, ao
7 nosso ver o mais grave, a proposta pedagógica é a identidade da escola e
8 se a escola não é pensada pelos seus pares, se ela não pensa nas ações a
9 partir dos desafios encontrados, todo seu fazer está comprometido e al-
10 gumas atividades vão acontecer, mesmo que sem sentido, como no caso
11 da crônica.

12

13 5. *Considerações finais*

14 Através da crônica pudemos fazer uma reflexão entre o real e o
15 imaginário, entre a palavra e a manipulação dela. A forma de expressar o
16 mundo através desta forma literária mostrou que o literato, assim como o
17 historiador descreve o real e este real pode e são narrados de maneiras di-
18 ferentes, com linguagens diferentes, de acordo com o tempo vivido. O
19 público a ser atingido é uma preocupação da literatura e diante disso a
20 forma como o texto é apresentado difere de acordo com o público esco-
21 lhido. E a escola como parte da sociedade sofre influências que acarreta-
22 rão sua forma de agir e pensar sobre a realidade e como profissional da
23 educação, o supervisor educacional fazendo parte desta sociedade e desta
24 escola torna-se importante no processo de transformação. O sentimento
25 de pertencimento é o que difere este profissional, que além de estar na
26 escola, pertencer a ela, representa a secretaria de educação.

27

28 6. *Sobre o Autor*

29 Gabriel Perissé¹ é professor universitário, escritor e palestrante.
30 Doutor em filosofia da educação pela USP, publicou em 2003 o livro
31 *Filosofia, Ética e Literatura – Uma Proposta Pedagógica*; em 2004, *A*
32 *Arte de Ensinar*; e em 2005, o livro *Elogio da Leitura*, pela Editora
33 Manole. Desde 1983, ministra palestras e cursos em escolas, faculdades,

¹ Disponível em: <<http://www.perisse.com.br>>.

1 empresas, ongs, livrarias, bibliotecas e editoras, sobre temas relacionados
2 à arte de ler, pensar, escrever e ensinar.

3

4

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

5 BRETON, Philippe. Permanência da manipulação. In: _____. *A manipulação da palavra*. Trad.: Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1999.

7 CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Estudos de teorias e história literária. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul, 2010.

9 DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle, in
10 L'Autre Journal, n. 01, maio de 1990. In: _____. *Conversações, 1972 –*
11 1990. Trad.: Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. Disponível em:

12
13 <[https://grupodeestudosdeleuze.files.wordpress.com/2016/05/deleuze-g-](https://grupodeestudosdeleuze.files.wordpress.com/2016/05/deleuze-g-conversac3a7c3b5es.pdf)
14 [conversac3a7c3b5es.pdf](https://grupodeestudosdeleuze.files.wordpress.com/2016/05/deleuze-g-conversac3a7c3b5es.pdf)>. Acesso em: 23-03-2016.

15 GALLO, Sílvio. *Conhecimento, transversalidade e currículo*. Disponível
16 em: <[www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/T2-4SF/Akiko/13-](http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/T2-4SF/Akiko/13-Transversalidade.doc)
17 [Transversalidade.doc](http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/T2-4SF/Akiko/13-Transversalidade.doc)>, 1996. Acesso em: 23-03-2016.

18 LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na*
19 *era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

20 MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom. História não é literatura. *Revista de La*
21 *APEESP*, n. 4. jul./dez.1992.

22 PASSONI, Célia Aparecida Nasrala. *Literatura*. São Paulo: Núcleo,
23 1998.

24 PERISSÉ, Gabriel. *A escola puxada e outras histórias*. São Paulo: Fac-
25 tash, 2011.

26 PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e literatura: uma velha – nova
27 história. Identidades e fronteiras. In: COSTA, Clélia Botelho da; MA-
28 CHADO, Maria Clara Tomaz (Org.). *História e literatura: identidades e*
29 *fronteiras*. Uberlândia: Edufu, 2006, p. 11-28.

30